

Em busca de meus irmãos na América

hors-série

edição brasileira© Ayllon 2022
organização© Lilian Starobinas
tradução do iídiche© Léa Baran
posfácio© Roney Cytrynowicz

edição Suzana Salama
assistência editorial Paulo Henrique Pompermaier
capa Lucas Kroëff

ISBN 978-65-89705-29-1

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

AYLLON EDITORA
R. Fradique Coutinho, 1139
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone +55 11 3097 8304
ayllon@hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

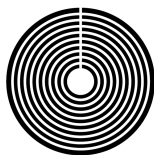
Em busca de meus irmãos na América

Chaim Novodvorsky

Lilian Starobinas (*organização*)

Léa Baran (*tradução*)

1ª edição



São Paulo 2022

Chaim Novodvorsky (Knishin, Polônia, 1902–São Paulo, 1983) deixou sua família em um pequeno vilarejo polonês aos 19 anos com o objetivo de imigrar para os Estados Unidos: parte dos irmãos já estava na América e ele fugia do serviço militar, um dos mais frequentes motivos de emigração da Europa Oriental e do Império Russo desde o século XIX. Diante da recusa de visto, lançou-se de toda forma rumo ao outro lado do mundo e trabalhou nas mais diversas profissões — como padeiro, mascate, leitor de realejo, comerciante, lojista, importador, fabricante. Além disso, construiu uma história de vida que perpassa temas importantes da história judaica e sul-americana, como a passagem por Moisés Ville, colônia agrícola fundada pela Jewish Colonization Association na Argentina; a atuação no teatro ídiche; a participação ativa nas instituições comunitárias; e a doação de aviões à recém-criada Força Aérea Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial.

Em busca de meus irmãos na América é um relato pessoal, singular e ao mesmo tempo emblemático dos percursos da imigração judaica, construído a partir de um longo trajeto em função do aspirado deslocamento do autor para os Estados Unidos. Através das aventuras de Novodvorsky, que foi primeiro à Argentina, depois ao Uruguai e, finalmente, ao Brasil, é apresentado um retrato dos caminhos que percorriam os imigrantes entre os anos 1920 e 1960. Suas memórias também revelam fatores estruturais que caracterizaram o estabelecimento dos judeus no Brasil, como as barreiras impostas à imigração em países como Estados Unidos e Canadá durante a década de 1920, que fizeram do país um horizonte possível e desejável.

Lilian Starobinas (São Paulo, 1965) é neta de Chaim Novodvorsky. Historiadora e doutora em educação pela USP, é professora de história na Escola Vera Cruz, onde leciona também no curso de pedagogia. Junto a vários autores, publicou *Vanguarda pedagógica: o legado do Ginásio Israelita Brasileiro Scholem Aleichem*, além de diversos artigos sobre a presença judaica no Brasil e teatro ídiche. É membro da coordenação dos coletivos Círculo de Reflexão sobre Judaísmo Contemporâneo e Trupe Ídiche, ambos na Casa do Povo.

Léa Baran (Rechitsa, Bielorrússia, 1927–São Paulo, 2016) foi professora, além de tradutora do ídiche e do russo.

Roney Cytrynowicz é historiador, doutor em história pela USP, diretor da Narrativa Um e autor, entre outros, de *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial* (2000) e *Memória da barbárie: a história do genocídio dos judeus* (1990), ambos publicados pela Edusp. Foi diretor de acervo do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

Sumário

Apresentação, <i>por Lilian Starobinas</i>	9
EM BUSCA DE MEUS IRMÃOS NA AMÉRICA.	17
A partida da Polônia	19
Os primeiros anos na Argentina	22
Da capital ao interior	27
De charrete em Moisés Ville	31
Do trabalho aos palcos	33
Primeira parada rumo ao Norte	40
Rio de Janeiro e seus caminhos	43
Tirando a sorte	48
Um passo atrás	55
O casamento em Recife	59
Ganhando a vida nos anos 1930	66
Um ativista comunitário	73
Com meus irmãos, na América	82
Uma vida no Brasil	89
O cinema no Bom Retiro	93

Negócios em família.....	100
Tempos de crise	104
De cabeça erguida	108
Posfácio, <i>por Roney Cytrynowicz</i>	111

Apresentação

*Um road movie em forma
de narrativa*

LILIAN STAROBINAS

Das páginas manuscritas em iídiche, agora amareladas pelo tempo, numa caligrafia miúda e regular, provém essas histórias que compõem a autobiografia de meu avô. Foram registradas por ele no ano de 1964, num caderno que se tomou um tesouro familiar. Seu Jaime, como o chamávamos, viveu ainda mais duas décadas, mas nunca se preocupou em escrever suas memórias em português. Contá-las oralmente sim, ele que era um grande contador de histórias, bom de papo, comunicativo. Assim, muitas das passagens que publicamos agora, traduzidas, fazem parte do repertório que escutávamos o vovô contar, e que foram construindo nossa memória sobre as origens da família.

SOBRE A TRADUÇÃO

Foi a filha mais nova, Cecília, minha mãe, quem tomou para si o desafio de publicar o livro, e assim trazer a público as narrativas sobre a trajetória de imigração e estabelecimento no Brasil de seu pai. Mais que uma homenagem, ela teve consciência da singularidade desse material e da contribuição que ele traz para a história dos processos de imigração.

Ao longo dos anos, ela empenhou-se para conseguir quem traduzisse. Inicialmente, investiu num processo artesanal, com a ajuda da sogra, minha avó Rosa Starobinas, que lia em voz alta o texto e traduzia os trechos na sequência, enquanto minha mãe registrava sua versão no gravador com fita cassete. Sem sucesso em fazer a tradução por completo, decidi procurar quem fizesse profissionalmente, e assim chegou em Léa Baran. Entre a tradução e a publicação passaram-se ainda alguns anos. Finalmente conseguimos compartilhar com mais leitores essas saborosas histórias de Chaim Novodvorsky.

O CONTEXTO HISTÓRICO

A Polônia é seu lugar de origem. Viviam ali, estima-se, mais de 3 milhões de judeus antes da Segunda Guerra Mundial. A comunidade judaica de Knishin,

o *shtetl*¹ onde nasceu o autor deste livro, contava com cerca de 3.500 membros em 1900, e 1.235 em 1921. Perto dali ficava Bialistok, uma comunidade muito maior, que passava dos 40 mil habitantes judeus na década de 1920.

A intensificação do processo de emigração se deu a partir das primeiras décadas do século xx, diante das duras condições econômicas, dos riscos físicos representados pelos *pogroms*,² das destruições e horrores frutos da Primeira Guerra Mundial, das incertezas provocadas pela eclosão da Revolução Russa e das instabilidades políticas por toda a Europa. Tornou-se frequente, dentre os judeus da Europa Oriental, o desejo de estabelecerem-se nos Estados Unidos, país visto como terra das oportunidades e da liberdade de religião, dando origem à expressão *fazer a América*. Paralelamente estruturava-se o movimento sionista, que estimulava a imigração para a Palestina. O desejo de construir um lar nacional judaico passou a ser defendido como necessário para a uma existência autônoma e livre das perseguições vivenciadas por judeus em diferentes países da Europa ao longo da história.

1. Do ídiche, “cidadezinha”. O termo se aplica a povoações ou bairros de cidades com população predominantemente judaica.

2. Termo usado para descrever um ataque violento massivo, com destruição de casas, negócios, centros religiosos. Atribuído à perseguição deliberada de um grupo étnico ou religioso, aprovado ou tolerado pelas autoridades locais.

Entre 1880 e 1914, partiram cerca de dois milhões de judeus asquenazitas, provenientes da Europa Oriental, de regiões que formavam o Pale (zonas de residências permitidas aos judeus). Trata-se de uma área situada em terras pertencentes ao Império Russo, ao Império Austro-Húngaro, à Prússia e à Romênia. Chegaram aos Estados Unidos. Falantes do iídiche, representaram notória influência na cultura local, na produção literária e nos campos da música, do teatro, do cinema, das artes em geral. A partir de 1921, os Estados Unidos estabeleceram uma lei de emergência limitando a imigração, provocada pelo expressivo aumento de imigrantes após o final da Primeira Guerra Mundial, momento em que se instaurou uma profunda recessão econômica na Europa.

A imigração para a América do Sul colocou-se como uma alternativa às restrições norte-americanas. Desde o final do século XIX, ampliou-se a adoção da Argentina como porto de destino, e estima-se que, até 1920, o número de imigrantes judeus tenha chegado a cerca de 150 mil. Parte desse contingente estabeleceu-se em colônias agrícolas, criadas pela Jewish Colonization Association, uma iniciativa filantrópica voltadas à absorção de imigrantes e sua inserção econômica nos países de destino. Uruguai, Brasil, Paraguai e Chile, entre outros países da região, receberam imigrantes judeus, e viveram o processo de formação de comunidades locais, com instituições voltadas ao atendimento

das necessidades desses imigrantes e espaços para formação educacional e religiosa, produção cultural e sociabilidade, sociedades voltadas aos cuidados de saúde e de sepultamento.

A narrativa de *Em busca de meus irmãos na América* nos permite saber mais sobre aspectos dessas redes de solidariedade formada por imigrantes com referenciais culturais similares, dando a conhecer não só os sucessos dessas relações, mas também suas tensões. Encontramos nela as disputas por trabalho, os estelionatários vendendo ilusões, episódio de discriminação entre os próprios imigrantes, compondo uma história pouco preocupada com romantizar a trajetória pessoal. Também se fazem presentes os acolhimentos e a ajuda mútua, a valorização dos esforços e do caráter, as oportunidades de integração e de melhoria das condições de vida. Chegando na Argentina, no começo dos anos 1920, Chaim deposita seus esforços no projeto de ir ao encontro dos irmãos, que imigraram para os Estados Unidos. E assim vai construindo seu percurso em direção ao norte, escolhendo pontos intermediários nessa rota até seu destino ideal. Esse traçado dá à narrativa um clima de *road-movie*, pelos encontros inusitados, a precariedade das situações, a diversidade de cultura e costumes com as quais ele se depara, a insistência em cumprir seu destino autoproclamado.

No coração dessa jornada se encontra o Brasil, e parte importante dessas memórias está ligada a

este país. Mais de quatro milhões de imigrantes somaram-se à população brasileira, de 1872 até 1940, e entre eles estima-se a chegada de 60 mil judeus. A imigração judaica deu origem a comunidades no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas também em Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Belém, Manaus, além de núcleos menores fora das capitais. Intensificou-se nos anos 1920, período em que a política imigratória dos Estados Unidos sofreu um revés.

Após cem anos de sua chegada, estima-se que há 120 mil judeus no país. Instituições de apoio, escolas, clubes, sinagogas, escritores e círculos de leitura, teatros, corais, conjuntos musicais, restaurantes, uma ampla e rica diversidade de produções e convivências permeiam a vida judaica hoje no Brasil. Entre associações e disputas, em meio a tempos mais brandos ou mais difíceis no que diz respeito à vida política e econômica, seguem compondo comunidades que exercitam o acolhimento ao estrangeiro, valor de enorme importância na tradição judaica.

Em busca de meus
irmãos na América

A partida da Polônia

Meu nome é Chaim Novodvorsky. Nasci em Knishin, uma pequena cidade da Polônia, perto de Bialistok, em 1903. Após viver 42 anos viajando pela Argentina, Uruguai e Brasil, onde me estabeleci, resolvi escrever a minha autobiografia.



Em 1922, com apenas 19 anos, recebi o meu passaporte e resolvi emigrar para os Estados Unidos da América, onde meus irmãos já moravam há algum tempo. Eu queria me reunir a eles. Viajei para Varsóvia, com a certeza de obter um visto do consulado americano. Mas meu pedido foi recusado: me explicaram que a quota de imigração permitida pelos Estados Unidos para aquele ano já estava preenchida.

Fui então até uma companhia marítima, onde me informaram que seria possível viajar para a Argentina. De lá poderia tentar um visto, dizendo que já residia ali há cinco anos. Desse modo, conseguiria ir para a América.

Voltei para casa e contei tudo ao meu pai. Resolvemos que eu iria então para a Argentina, e novamente fui a Varsóvia para alterar o destino de meu passaporte.

Despedi-me de meu pai, irmãos, irmãs, cunhadas, tios e tias em segredo. Ninguém no vilarejo podia saber que eu estava de partida, já tinha sido convocado para servir no exército.

No dia seguinte, fui até o cemitério para me despedir da minha querida mãe, já falecida. À noite, discretamente, fui à estação para tomar o trem para Bialistok, onde embarcaria para Varsóvia. Encontrei-me lá com minha cunhada Bella, de quem me despedi. E entrei no trem.

Recebi meu visto no consulado argentino e preparei tudo para viajar. Aguardava apenas meu pai, que viria até Varsóvia se despedir de mim. Ele era muito religioso e só comia *kasher*, então, após sua chegada, nos alimentamos apenas de comida láctea, pão, manteiga e chá. Entendi que ele não iria comigo até a estação porque eu viajaria no sábado, e o convenci a voltar para casa na noite da quinta-feira.

Quando tomei o trem para a Alemanha me senti muito só. Via que as pessoas embarcando no mesmo vagão se despediam de seus parentes. Fiquei triste e solitário. Percebi que daí para frente estaria só no mundo, muito só, e não teria mais ninguém da minha família por perto.

Chegando à estação alemã, embarquei direto para a França, e de lá peguei o navio que me levou até Buenos Aires, na Argentina. Cheguei em 22 de junho de 1922. A viagem durou 21 dias.

Chegada à Argentina

Desembarquei em Buenos Aires. Quase não tinha dinheiro e não sabia falar o idioma. Soube da existência da Casa dos Imigrantes, uma instituição governamental.

Tinha trazido comigo o endereço de uma senhora cujos pais eram nossos vizinhos em Knishin. Não a conhecia, ela já morava há muitos anos na Argentina. Tomei o bonde e fui procurá-la, a partir do endereço que seus pais me deram. E encontrei! “Sou filho de Elie Novodvorsky, e neto de Chaim Shneguevitch”, me apresentei. Logo ela entendeu quem eu era.

O casal tinha sete filhos, três meninas e quatro meninos. O filho mais velho era casado. Todos eles moravam numa sala: quer dizer, num quarto grande, dividido com um biombo. Na frente havia uma loja, onde vendiam cigarros, e ao lado um pequeno espaço, alugado por um barbeiro. À noite, a família colocava camas para o casal e também para as crianças, separadas pelo biombo. Logo vi que não teria lugar para mim ali.

Fui então para a Casa dos Imigrantes, já que tinha permissão de dormir lá por 30 dias. Embora não tivesse profissão, comecei a procurar qualquer coisa, para sobreviver. Comprei um jornal iídiche e vi um anúncio: “Precisa-se um padeiro”. Pensei: “deve ser um trabalho bom”, achei que não seria pesado. Imagine, só misturar a farinha com água. Lembrei que sempre observava nosso vizinho fazendo o pão, e ele era um bom padeiro.

Dirigi-me ao endereço indicado no anúncio e me apresentei como padeiro. O dono da padaria chamava-se Chaikel e o estabelecimento ficava na rua Junin, entre as avenidas Corrientes e Lavalle. Ele pediu que voltasse ao anoitecer para fazer o teste. Era sexta-feira.

Quando cheguei lá, me perguntou se eu sabia sovar a massa. Respondi que na minha cidade não tínhamos o hábito de sovar, e ele logo viu que eu não era padeiro. Mesmo assim me deixou ficar, para que não precisasse andar de noite pelas ruas que ainda não conhecia. Ajudei a lavar as assadeiras e formas usadas para pães salgados e doces. Ele me ofereceu chá-mate, tão doce e denso que até grudou nos meus lábios. Eu nunca tinha provado. Aceitei e não disse nada, porque que era um *griner*,³ e não queria que rissem de mim.

3. Imigrante recém chegado.

Trabalhei a noite inteira, dormi um pouco e de madrugada ele me acordou e disse: “Meu jovem, você não é padeiro”, ao que eu retruquei: “Preciso trabalhar, porque não tenho ninguém aqui. Estou na Casa do Imigrante e tenho que ganhar o meu sustento”. Ele disse então que eu poderia ficar e trabalhar como peão: eu nem sabia o que era isso, mas aceitei. Depois fiquei sabendo que *peão* é uma pessoa que faz todo tipo de serviço que precisa ser feito na padaria.

No sábado de manhã chegou um carregamento de farinha. Tive que descarregar rápido, só que em vez de colocar nas costas, como na minha terra, jogaram em cima do ombro, com tanta força, que quase caí. Nem podia reclamar, pois ainda não falava espanhol. Quando terminei com a farinha chegou um vagão de sal, e comecei novamente a descarregar. O sal estava molhado e pesava muito. Foi colocado em grandes cestas lotadas, e eu de novo não podia falar nada, pois não sabia como dizer isso em espanhol. Terminei o trabalho ao meio dia. E das duas horas da tarde até as cinco, entreguei pão preto nas pequenas mercearias.

Continuei trabalhando na padaria, com direito a alimentação e a dormir no emprego. Levantava de madrugada, às quatro horas da manhã. Distribuía o pão para os fregueses que moravam mais longe e para os estabelecimentos onde o pão era vendido. Esse era o meu trabalho diário, além da entrega do açúcar para os padeiros que assavam pão doce, bolos, etc.

Durante esse período, apareceu um ladrão que roubava açúcar. Reparei que os sacos diminuíaam de quantidade de um dia para o outro. Eles ficavam bem próximos da entrada, em um compartimento. Comecei a observar as pessoas que tinham chave e acesso à padaria, e podiam entrar de madrugada. Um rapaz, de quem eu já desconfiava, chegava antes dos outros. Um dia, acordei mais cedo e fiquei esperando escondido. Vi então que ele já estava ali fazia tempo, bem antes dos outros padeiros chegarem. Quando os outros apareceram, todos se juntaram para tomar mate. Ele não me viu, saí e procurei dentro das coisas dele. Debaixo do assento estavam pequenos sacos de açúcar. Despertei o dono e o levei até o local para mostrar que ele estava sendo roubado.

Trabalhei na padaria por dois meses, tinha folga nos domingos durante apenas quatro horas, e fazia o serviço que antes duas pessoas realizavam. Estava muito cansado, mas a esposa do meu patrão ainda achou que era pouco e me tirou estas quatro horas de folga, para limpar a loja. Ela queria me transformar em um escravo.

Aos domingos, eu aproveitava esse curto espaço de tempo para encontrar meus *irmãos de navio*⁴ em um restaurante. Contei o que estava acontecendo, e resolvemos que eu não voltaria para a padaria naquele momento, só à noite. Cheguei bem tarde e

4. Irmãos de navio, em iídiche *shif brider*, é a expressão utilizada para identificar imigrantes recém-chegados.

não levantei de madrugada para trabalhar. O patrão foi me acordar, eu dei uma desculpa e ele achou que eu estava doente. Então não assumi o trabalho que costumava fazer pela manhã. Mais tarde, pedi as contas e disse que não trabalharia mais na padaria. Ele me pagou o que quis, trinta pesos no mês. As duas pessoas que trabalhavam lá antes de mim, fazendo o mesmo serviço, recebiam sessenta pesos cada um. Foi uma exploração que cometeram, porque eu era *gringo* e não tinha ninguém para me defender. Fui embora.

De charrete em Moisés Ville

Fui até a estação de trem para embarcar rumo a Moisés Ville,⁵ uma cidade pequena onde havia muitos judeus. Cheguei pela manhã, encontrei alguns coches aguardando passageiros. Naquele tempo não havia automóveis para transporte, nem ônibus.

O cocheiro me perguntou para onde estava indo. Respondi que ia trabalhar na colheita. Ele me olhou e disse: “Está chegando para a colheita, mas ela já acabou. Já que veio até aqui, vou te levar até Moisés Ville”, e me deixou na porta da cooperativa que os agricultores judeus organizaram, e me apresentou a algumas pessoas.

Eles me fizeram muitas perguntas. Conteí que vim trabalhar para ganhar dinheiro e poder me reunir com meus irmãos, pois na Argentina não tinha nenhum familiar. Escutaram-me com atenção, e me falaram sobre um senhor com quem poderia trabalhar. Ele viajava pelas aldeias e vendia utilidades

5. Moisés Ville é uma colônia agrícola fundada na província de Santa Fé, na Argentina, em 1889, com objetivo de proporcionar aos imigrantes judeus a oportunidade de se tornarem agricultores. Foi uma das colônias da *Jewish Colonization Association*, instituição filantrópica fomentada pelo Barão Hirsch.

domésticas em uma carroça atrelada com cavalos, cheia de mercadorias: levava roupas para homens, mulheres e crianças, além de bugigangas como pentes, espelhos, colares, brincos, anéis, livros, discos e objetos de uso pessoal.

Fomos até a casa dele e me apresentaram: passamos a trabalhar juntos. Preparamos todas as mercadorias, e em alguns dias partimos em viagem. Vendemos bastante, e voltamos a Moisés Ville. Renovamos o estoque, e viajamos novamente. Fiquei trabalhando dessa forma durante um ano. Ganhei um bom dinheiro e voltei para Buenos Aires.

Logo fui atrás do senhor que providenciava os passaportes argentinos. Perguntei quanto ia me custar e quanto tempo levaria: me prometeu que em breve poderia viajar. Ele subia até o consulado americano e nós esperávamos embaixo. Junto com outras pessoas na mesma situação, nos víamos lá quase todos os dias. Quando descia, dizia que precisávamos ter paciência, os passaportes ainda não tinham ficado prontos para podermos ter os vistos.

Ele disfarçou e ganhou tempo, sem dizer claramente que era impossível receber os vistos no consulado. Quando descobrimos, pedimos nosso dinheiro de volta. Ele não tinha mais o dinheiro, nem como devolvê-lo. Fugiu de Buenos Aires para o Brasil, e lesou a todos nós. Perdemos tudo o que já tinha sido pago, e eu fiquei sem dinheiro.

Posfácio

Os percursos da imigração judaica

RONEY CYTRYNOWICZ

Em busca de meus irmãos na América, de Chaim Novodvorsky, é um texto de memória que prende o leitor do começo ao fim. É um relato pessoal, singular e ao mesmo tempo emblemático dos percursos da imigração judaica. Mescla de forma saborosa os acontecimentos e aventuras pessoais de um imigrante, que foi primeiro à Argentina, depois ao Uruguai e, finalmente, ao Brasil, com um preciso e vívido retrato dos caminhos pelos quais se dava a inserção dos imigrantes na vida do país entre os anos 1920 e 1960.

“Fiquei triste e solitário. Percebi que daí para frente estaria só no mundo, muito só, e não teria mais ninguém da minha família por perto”, escreveu Chaim sobre a decisão de deixar a Polônia em 1922 e rumar para Buenos Aires, de onde, após uma passagem por Montevideú, chegaria ao Brasil em 1928.

A DECISÃO DE EMIGRAR

Processo socialmente complexo a decisão de emigrar. Resultado de muitos fatores, mas tem como força motriz a expectativa de um futuro promissor e um horizonte de esperança. No caso de Chaim, parte dos irmãos já tinha imigrado para a América. Além disso, ele fugia do serviço militar, um dos mais frequentes motivos de emigração da Europa Oriental e do Império Russo desde o século XIX. Um relato como o de Chaim repõe a dimensão pessoal e afetiva do significado de um jovem, aos 19 anos, sem profissão, deixar a família em um pequeno vilarejo na Polônia com o objetivo de imigrar aos Estados Unidos e, diante da recusa de visto àquele país, lançar-se sozinho rumo ao outro lado do mundo. “Desembarquei em Buenos Aires. Quase não tinha dinheiro e não sabia falar o idioma. Soube da existência da Casa dos Imigrantes, uma instituição governamental”, escreveu ele.

As memórias de Chaim nos revelam alguns dos fatores estruturais que caracterizaram a imigração judaica ao Brasil. Foi nos anos 1920, com as barreiras impostas à imigração em países como Estados Unidos e Canadá, que a imigração ao Brasil se adensou, o país se tornou um horizonte possível e desejável para os emigrantes, como mostrou o historiador Jeffrey Lesser. Entre 1921 e 1925, segundo o demógrafo Jacob Letschinsky, a Argentina foi o ter-

ceiro país a mais receber imigrantes judeus, quase 40 mil pessoas ante 280 mil para os Estados Unidos, 61 mil para a Palestina e 7.100 mil para o Brasil. No período 1926–1930, o Brasil receberia 22.200 mil judeus, os EUA, 55 mil, e a Argentina, 33.700 mil.

No Brasil, ocorreu a formação mais ou menos simultânea de comunidades judaicas em nada menos do que dez capitais do país a partir dos anos 1910, consolidadas na década de 20: Porto Alegre e Curitiba na região Sul, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte no Sudeste, Manaus e Belém no Norte, e Recife, Natal e Salvador no Nordeste, sendo que as comunidades de Belém e do Rio de Janeiro foram formadas no século XIX.

Imigração, urbanização e comunidade estavam diretamente associados na imigração judaica ao país. Em sua busca pelo encontro dos irmãos na América, Chaim percorre o Brasil rumo ao Norte e Nordeste, e passa por pelo menos cinco das capitais nas quais existiam comunidades: Rio de Janeiro, onde chegou, depois Recife, Belém, Manaus e Natal —, além de Campina Grande, João Pessoa e Olinda.

A acelerada urbanização, em especial nas capitais e nas grandes cidades, propiciou oportunidades de trabalho e de negócios, de inserção e de ascensão social. Esse processo foi acentuado para um grupo de imigrantes urbanos, o que vale para os judeus da Europa Oriental, da Europa Central e do Oriente Médio, com experiências em trabalhos ur-

banos, funções ligadas ao comércio e ofícios diversos. Ao chegar às grandes cidades do país, mesmo os que não tinham uma profissão, um ofício definido, como Chaim, encontraram sustento, trabalho e oportunidades de pequenos negócios, ainda que, como mostra Chaim, muitos trabalhos remuneravam com *cama e comida* apenas.

Ayllon

1. **Ⲛ** *Vilna: cidade dos outros*
Laimonas Briedis
2. **Ⲛ** *Acontecimentos na irrealidade imediata*
Max Blecher
3. **Ⲛ** *Yitzhak Rabin: uma biografia*
Itamar Rabinovich
4. **Ⲛ** *Israel e Palestina: um ativista em busca da paz*
Gershon Baskin

Hors-série

1. *Cabalat shabat: poemas rituais*
Fabiana Gampel Grinberg
2. *Fragmentos de um diário encontrado*
Mihail Sebastian
3. *Em busca de meus irmãos na América*
Chaim Novodvorsky

Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na gráfica Meta Brasil, em 6 de janeiro de 2022 em papel pólen soft, em tipologia Minion Pro e Formular, com diversos softwares livres, entre eles, Lua^ATeX^E git.
(v. e6baf18)

